

TRÊS *por* QUATRO

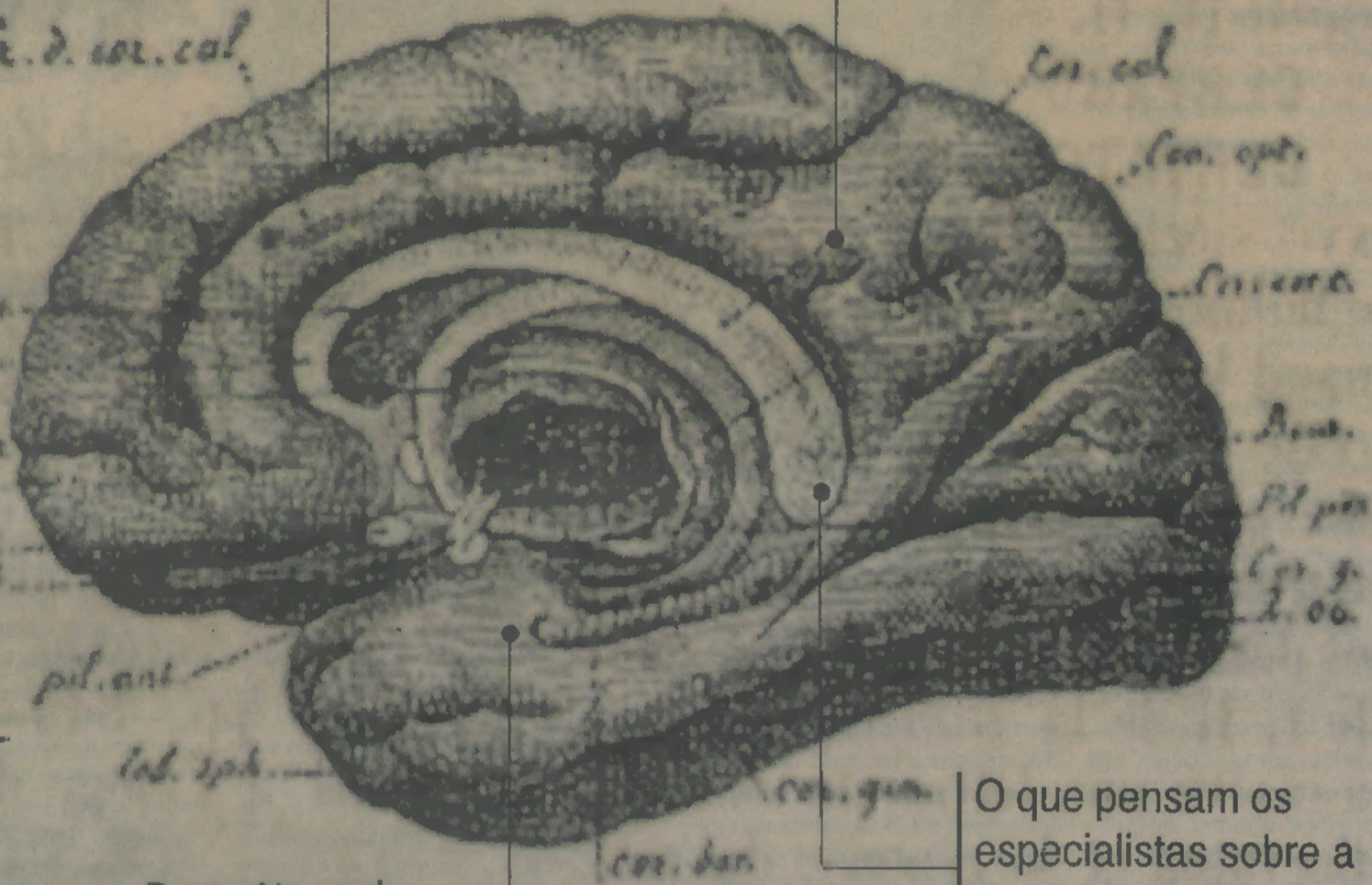
JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO DA FABICO-UFRGS

Novas tecnologias
podem alterar
a percepção?

CENTRAL

Sonho e hipnose
abrem as portas
da mente

PAGINA 8



Porto Alegre
vive novos
tempos lisérgicos

PAGINA 10

O que pensam os
especialistas sobre a
formação da mente

PAGINA 3

Estados alterados da mente

Editorial

Universidade em crise! Hã?

Mais uma vez chega às mãos dos fabicanos um exemplar do *três x quatro*, mais uma vez provando sua tendência para irregularidade, mais uma vez sendo lido por uma minoria. A já histórica edição anterior - feita depois da substituição do professor da disciplina, o que resultou na elaboração de um jornal só de opiniões - foi um dos poucos casos em que o jornal-laboratório foi esperado e lido por muitos. Todos queriam ver a carta do referido professor ao Departamento de Comunicação anunciando seu afastamento da disciplina. Era difícil a tarefa de produzir algo que chamasse tanta atenção ou que no mínimo despertasse algum interesse de seus eventuais leitores - os estudantes da Fabico.

Pois a nova turma teve que primeiro se preocupar em solucionar um outro problema: o *três x quatro* não tinha professor responsável. Depois de quase um mês de iniciado o semestre letivo, foi enviada ao Departamento uma carta feita pelos alunos da disciplina comunicando a intenção de se produzir o jornal independentemente da orientação de um professor. O tema da edição já

tinha sido escolhido e já estava marcada uma reunião de pauta. Cerca de dez dias depois, já tínhamos um professor orientando a produção do jornal.

Mesmo com a chegada de um orientador, o tema escolhido permaneceu o mesmo. Ao invés da tendência de outras edições, não vamos falar da crise na Universidade. Vamos falar de outro tipo de crise, lembrando que crise não possui exatamente um sentido negativo, mas indica uma mudança iminente. De que forma essa mudança se dá dentro

do que o homem se acostumou a chamar de mente? O que é mente? Quais as formas mais usuais de se

alterar a mente? Qual a nova visão da psiquiatria, qual a visão do direito? A religião provoca alterações mentais?

Não pretendemos esgotar estas questões, seja porque isso é impossível em um jornal do tamanho do *três x quatro*, seja porque as conclusões dos especialistas a respeito destas questões não são nunca fechadas. Só esperamos ter dado um certo "olhar jornalístico" a esta questão. E ter apresentado aos fabicanos um painel razoável sobre os estados alterados da mente.

Esperamos ter apresentado um painel razoável sobre o assunto

Artigo

Sua mente está em outro lugar



DANIELA RAMOS

Coloque sua mente em outro lugar, para que decisões chatas e aborrecidas sejam tomadas sem que você precise se incomodar com isso.

As decisões de uma pessoa podem ser confiáveis. Mas, em situações adversas, e quando essas decisões envolvem dinheiro, nada pode dar errado. Especialmente no mercado financeiro. Uma pesquisa que está sendo realizada na Hughes Electronics Corp colocou toda a experiência de Christine Downton, uma analista de mercados financeiros, em um computador.

Todo esse conhecimento está agora em um escritório britânico de investimento financeiro chamado Pareto Partners Ltda., onde Christine trabalha.

Para que a experiência dela em tomar decisões fosse consultada, foi necessário desenvolver um software chamado M-KAT (Modular Knowledge Acquisition Tool Kit) - uma ferramenta para extrair e decodificar a experiência humana. O M-KAT já foi usado por militares, na hora de planejar um ataque de tanques contra o inimigo.

Segundo Christine, "as emoções distorcem os julgamentos racionais das pessoas - há um componente de medo, as pessoas tendem a cometer erros quando estão perdendo dinheiro". O objetivo de usar os conhecimentos armazenados em um software é a de automatizar as decisões que agora são

tomadas por pessoas nas bolsas de valores, por exemplo. Menos erros seriam cometidos, e principalmente - menos dinheiro será gasto sem o pagamento dessas pessoas.

Para esse objetivo ser realizado plenamente, estudiosos do mundo inteiro estão pesquisando as "redes neurais" - ou "neural net", uma forma de simular o complexo cérebro humano numa máquina. Charles Dolan, pesquisador da UCLA (Universidade da Califórnia), e com PhD em ciências da computação, explica como funciona essa rede de raciocínios. Ele tenta criar espaços de conhecimento no compu-

tador, baseado nas estruturas simbólicas que foram cuidadosamente construídas em torno de um assunto.

Christine acredita que o programa vai

funcionar perfeitamente e deixar mais tempo livre às pessoas para se dedicarem à análise do mercado financeiro, por exemplo. Ela acredita que os operadores do mercado financeiro serão esses robôs, sem medo ou preocupações adicionais. Decidirão mais friamente o futuro do dinheiro. A automatização de tomada de decisões tende a crescer cada vez mais - se o controle de variáveis pode ser feita através de um computador, sobra à mente humana mais tempo para exercitar a sua mais original qualidade: a visão global. Mais tempo para pensarmos, para podermos alterar os conteúdos conscientes da maneira que mais nos aprouver.

A automatização de tomada de decisões tende a crescer cada vez mais

TRÊS por QUATRO

O *Três x Quatro* é o jornal-laboratório produzido pelos alunos da disciplina de Redação Jornalística IV - Curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Participaram desta edição os alunos:

Daniela Cidade, Daniela Ramos, Elen Petterson, Eneida Rickzaneck, Fabíola Bach, Maurício Amaral, Milton do Prado, Ricardo Valdez, Rodrigo Dindo, Sílvia Freire, Simon Rosa, Simone Moro, Tatiana Arnoud e Tito Montenegro

Professor responsável:

Luís Milman

FABICO

Rua Ramiro Barcellos, 2705 - Santana
CEP: 90035-007 - Fone: 316-5132

A mente e seu descontrole através dos tempos

SÍLVIA FREIRE

No início era o nada, e ninguém sabia o que se passava na cabeça das pessoas. Depois vieram os gregos e começaram a estudar a mente humana, ou, tudo aquilo que não se enxergava mas que se sentia.

Os gregos a chamaram de alma e imaginavam que era semelhante ao corpo que ocupava, embora mais tênue. A alma apenas contemplava a existência. Heráclito acreditava que aspirávamos a razão pelo ar e que durante o sono as aberturas do sentido se fechavam e o espírito que estava em nós perdia o contato com o que estava em volta, e com isso também a razão. Por isso o sonho era tão irracional.

A primeira conexão entre os órgãos e o cérebro foi feito antes de Pitágoras, em Crotona, por Alcmeão. Ele foi quem primeiro reconheceu a importância do cérebro enquanto órgão psíquico.

Na idade média a igreja monopolizou todo os tipos de pensamento e a civilização dedicou-se, não mais a explicação do mundo mas sim, a uma experiência de desligamento do real para ter acesso ao reino de Deus. A alma-mente era ligada ao corpo e controlava no homem a vida vegetativa, sensível e intelectual. Sua função era de possibilitar que o indivíduo se elevasse no conhecimento divino e ficasse mais próximo de Deus.

Com a idade moderna, a concepção de alma-mente se afasta do teológico e passa a ter o homem como centro de estudo. Mas é com Freud que a observação daquilo que se entendia até então por alma passou a ser sistematizado. Para Freud, a mente é a alma. O psicólogo Rogério Mesquita explica que a mente é "a junção entre o orgânico e a psique, e que esta é quem determina a estrutura psíquica da pessoa, o modo como ela é, como se relaciona com o mundo e como trabalha



as emoções". A relação com o mundo se daria a partir da percepção das coisas, através dos órgãos sensoriais, das vivências e das situações contingentes da vida, daí surgem as psicopatologias que vão tentar enquadrar a pessoa.

Freud desenvolveu a idéia de que dentro da mente existe também o inconsciente. De acordo com o psicólogo Rogério Mesquita "o inconsciente é o porão onde a pessoa esconde tudo aquilo que atrapalha o andar superior das relações sociais. É nesta instância que colocamos todas as neuroses que criamos, pois para Freud, todos nós temos um núcleo doentio, criador de neuroses".

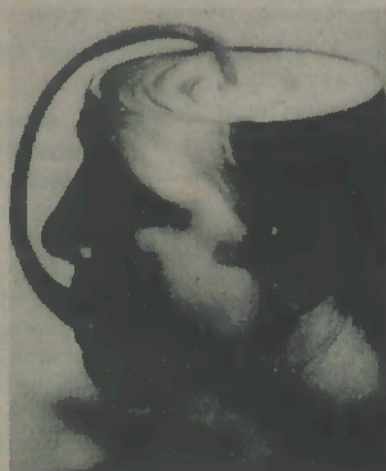
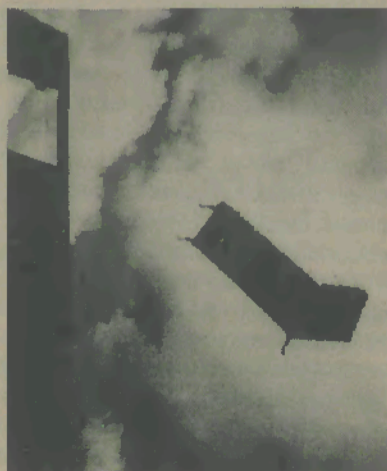
A mente, para os psicanalistas, está dividida em três instâncias, o *id*, o *ego* e o *super ego*. O *id* seria o responsável pela descargas das excitações sem consciência organizadora. É puro espontâneo. O *ego* é o que dá a coerção a este turbilhão de emoções e constitui o eu da pessoa. O que controla este processo é o *super ego*, a partir de normas incorporadas da coletividade. Mesquita explica que a loucura se estabelece quando o *super ego* se afasta da realidade comum e constrói um mundo particular. Isto acontece quando a realidade vivida pela pessoa é tão dura que torna-se impossível de suportar. Este limite depende, é claro, de cada pessoa.

A realidade e a teoria

Um dos conceitos que devem ser diferenciados, pois é tão abstrato quanto a mente, e seus diversos nomes, é a realidade. Para os psicanalistas, a realidade é aquilo que os homens, em conjunto, decidem que seja. O *super ego* vai tentar manter o *ego* dentro deste padrão. A realidade, vista desta forma é um padrão. Para os fenomenólogos existencialistas, a realidade está amarrada às coisas, ela é independente do homem. Esta diferença pode ser visualizada no sentimento de beleza. Existiria uma beleza absoluta. Uma paisagem, por exemplo, é bonita independente do que o homem acha dela. O que pode variar é a idéia de beleza através dos tempos. Isso acho que ninguém discute.

A partir da metade deste século a hegemonia do pensamento freudiano começou a ser quebrada. Surgiu a fenomenologia existencialista que nega a existência da mente. Segundo esta teoria, o que existe é a consciência. A psicóloga e terapeuta, Marisa Rosa, explica que a principal diferença entre a fenomenologia e a psicanálise está na idéia de que a consciência não tem conteúdo, é apenas relação. Segundo ela, "a consciência vai servir de base para a constituição do *eu/ego* da pessoa. Como o indivíduo é e seu modo de se relacionar com o mundo está separado da consciência. Já os psicanalistas acreditam que o *eu/ego* faz parte da mente". Isto possibilita que eu tome consciência do meu eu, completa a psicóloga.

As alterações da consciência, para os terapeutas seguidores da fenomenologia, acontecem quando se estabelece uma noção deturpada da realidade, pode ser causada por fatores naturais, como, um sentimento que afete o indivíduo; ou por fatores externos como as drogas e a bebida. De acordo com a psicóloga, Marisa Rosa, "os psicanalistas, acreditam que se existe algum problema na forma como se dá o relacionamento entre o eu e a realidade, é porque o aparelho mental dela falhou". Ou seja, está existindo uma disfunção do *super ego*. E a partir disto vão tentar enquadrar esta pessoa dentro de sintomas psico-patológicos e tentar curá-la. "Dentro da fenomenologia, isto acontece de forma diferente, os terapeutas vão tentar encontrar o problema na relação entre o homem e a realidade dele.



Risperidona e Clozapina, os antipsicóticos da hora

Os tratamentos psiquiátricos estão mudando. A evolução da indústria farmacêutica é a grande responsável por isso. Desde a década de sessenta os laboratórios estão trabalhando para aprimorar o que parece ser uma fórmula de sucesso. Duas novas substâncias, a Clozapina e a Risperidona estão deixando os psiquiatras mais animados com o futuro e os esquizofrênicos com melhores condições de vida. Os temidos efeitos colaterais dos medicamentos tradicionais estão sendo substituídos pelo bem estar geral do paciente.

MAURÍCIO AMARAL

Conter quimicamente um paciente esquizofrênico é uma prática comum em nossos dias. Ao contrário do que vem sendo feito há quarenta anos, choques elétricos, isolamento e até mesmo o abandono do paciente em clínicas psiquiátricas, não fazem mais parte da rotina do tratamento psiquiátrico. Tratamento que causava pânico nos familiares, o stress é garantido. Nos velozes anos noventa a coisa está ficando mais simples graças aos antipsicóticos.

O termo antipsicótico é atualmente mais usado e preferido do que o antigo "tranquilizante" ou do ainda em uso "neuroléptico". Depois do Prozac, a onda agora são duas substâncias que chegaram revolucionando as práticas dos psiquiatras, com vocês Risperidona e Clozapina. Mágica não existe, o que existe é a evolução da indústria farmacocinética, como afirmam os estudiosos da psiquiatria.

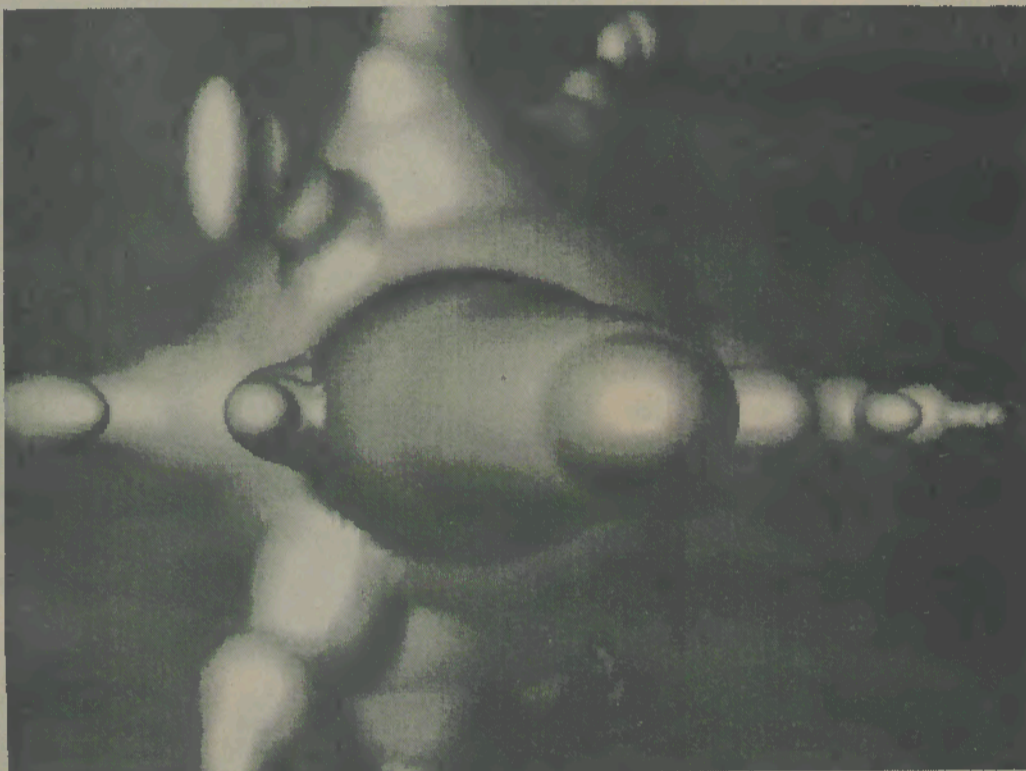
Risperidona e Clozapina, a dupla dinâmica da psiquiatria moderna, estão deixando os psiquiatras mais animados com o futuro e os esquizofrênicos com melhores condições de vida. Mas afinal, quem são os esquizofrênicos? Dorgival Caetano, chefe do departamento de psicologia médica da UNICAMP define esquizofrenia como "um dis-

túrbio que dura pelo menos seis meses e que inclui, no mínimo, um mês de uma fase ataca com sintomas." HEIN??? Nessa fase ativa surgem delírios alucinações, discurso desorganizado, comportamento catatônico, falta de higiene, transtorno afetivo e ainda outros processos degenerativos como a doença de Alzheimer.

Os tranquilizantes até hoje utilizados no tratamento psiquiátrico atuam nos sintomas psicóticos, nem sempre com sucesso, e deixam de lado a clínica geral do paciente. São inúmeros os casos de esquizofrênicos que sofrem os horrores dos efeitos colaterais e para completar o quadro entram em depressão profunda e acabam com qualquer possibilidade de convívio familiar.

É o que a psiquiatria moderna classifica de efeitos extrapiramidais. E é exatamente para evitar esses efeitos nada especiais que a nossa dupla dinâmica entra em ação.

A Clozapina foi sintetizada pela primeira vez em 1962 e sua história clínica inclui um entusiasmo precoce, seguido por um descrédito nos anos setenta. Foi retirada do mercado nos Estados Unidos, mas continuou sendo utilizada em alguns países da Europa. No início da década o Food and Drug Administration (FDA), órgão que controla a produção e a comercialização de medicamentos nos EUA, aprovou novamente o uso de Clozapina



no tratamento psiquiátrico. No Brasil, a Clozapina começou a ser testada a partir de 1970 e foi lançada comercialmente em agosto de 1992.

Os resultados dos tratamentos feitos à base de Clozapina são animadores. Os pacientes apresentam uma melhora em todos os sintomas, em especial nos colaterais, que levam a deterioração clínica. A excitação e a hostilidade são os sintomas que tem melhora mais significativa. A convivência em família torna-se suportável, os pacientes ficam afáveis e, pelo relato de familiares, é possível detectar o alívio da tensão no convívio diário.

No embalo do sucesso da Clozapina, surge nos anos noventa a Risperidona, com a grande vantagem de ser rapidamente absorvida pelo organismo e com a mesma rapidez é eliminada depois de proporcionar o efeito. A possibilidade de efeitos colaterais, ou extrapiramidais, com a Risperidona é desconsiderada. Os medicamentos tradicionais costumam causar tremores corporais grasseiros e até convulsões, a composição química da Risperidona foi elaborada com a missão de inibir todos esses efeitos.

Como toda novidade, a dupla Clozapina e Risperidona ainda é vista com olhos de des-

confiança pela maioria dos psiquiatras e familiares. Mas a julgar pelo resultado de um estudo feito na capital paulista com dez pacientes, a Clozapina e a Risperidona vieram para ficar. A Escola Paulista de Medicina, responsável pelo estudo, por questões de ética não divulgou os nomes dos pacientes, mas os resultados são notáveis. Dos dez pacientes, sete tiveram a sua hostilidade reduzida. Um dos pacientes, o número 2, tinha um quadro de distonia que o obrigava a ficar deitado o dia inteiro com uma séria torção na coluna. Com o tratamento com Clozapina ele passou a caminhar normalmente e a coluna está em ordem.

Perfil

AMB, mulher, 32 anos, casada, não trabalha, dois filhos

Áurea, desde criança, manifestou uma preocupação exagerada com limpeza. Tomava vários banhos por dia e evitava tocar em objetos que considerava sujos, como maçanetas ou dinheiro. Casou cedo, com 18 anos, e parou de estudar dedicando-se ao lar. Em torno dos 25 anos, a preocupação com limpeza agravou-se consideravelmente, de modo progressivo. Passou a tomar mais de dez banhos por dia. Suas roupas e as dos filhos tinham que ser lavadas de modo exaustivo com água fervendo e guardadas com inúmeras precauções. Ao lado disso tudo, surgiu uma fobia por inseticidas. Áurea tinha noção da irracionalidade dos seus pensamentos e comportamentos mas de nada

adiantava lutar contra eles. Desnecessário dizer que, a essa altura, a vida dela e de seus familiares virou um inferno. Passou a viver na casa dos pais e o marido ficou com os filhos. Começou então o tratamento com Clozapina. Depois de dois meses de tratamento a melhora começou a manifestar-se. A preocupação com limpeza foi diminuindo gradualmente. No terceiro mês já abria maçanetas e tomava um ou dois banhos por dia, além de não se preocupar com a lavagem das suas roupas. No quinto mês a dose de Clozapina foi aumentada e a paciente pôde voltar para casa. Tentativas de diminuir a dose fizeram com que os sintomas voltassem. O único efeito colateral persistente é a diminuição acentuada da libido. Só consegue cerca de dois orgasmos por mês, depois de muita estimulação e de uma penetração muito prolongada.

RICARDO VALDEZ

A INTERDIÇÃO CIVIL

O homem, atingindo a maioridade civil, ou seja, 21 anos, goza da chamada capacidade de exercício. Consiste esta na livre administração de sua vida, podendo fazer negócios, casar, viajar, estabelecer domicílio, segundo a sua conveniência e possibilidade econômica. Rompe o vínculo à autorização dos pais. Esta é a regra para as pessoas ditas normais. Ao longo de nosso jornal estão sendo apresentados e discutidos os estados alterados da mente. A nossa preocupação, ao escrever este artigo, é mostrar os estados alterados da mente que impedem o livre exercício dos direitos pelas pessoas. Por outro lado, procuramos levantar alguns dados sobre a "loucura" no Estado.

A linguagem do Código Civil é de 1916. Lá, o doente mental é tratado como "loucos de todo gênero". Hoje, existe uma resistência pelos agentes de saúde pública em chamar a insanidade mental de "loucura". Hoje se fala em saúde mental.

Inicialmente, esclareço que todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil, seja nacional ou estrangeiro. A isto chama-se capacidade de direito. Assim, a criança nascida ou ainda dentro do ventre materno, o menor e o doente mental, podem adquirir e gozar de direitos.

Entretanto, o exercício pessoal desses direitos, ou seja, a disposição sobre eles, comprar e vender, por exemplo, depende, entre outras coisas, da sanidade mental.

A insanidade mental não gera automaticamente a incapacidade de praticar os atos da vida civil. É preciso que alguém peça a interdição ou curatela do doente, através de um pedido judicial, onde será oportunizada a defesa da pessoa apontada como insana, havendo submissão à perícia médica. O pedido de interdição será feito pelos pais ou responsáveis civis, pelo cônjuge ou parente próximo, ou Ministério Público, nesta ordem de preferência. O Ministério Público, entretanto, só fará o pedido no caso de "loucura furiosa" ou na falta das outras pessoas acima nominadas.

Não é qualquer insanidade mental que sujeita a pessoa a uma interdição. É preciso que se demonstre não haver condições de discernimento pela pessoa. A doença precisa retirar a capacidade de valorar as ações, de orientar-se no tempo e no espaço e em relação a moeda, por exemplo. Não existe um critério objetivo taxativo para aferir se uma insanidade mental gera incapacidade para a vida civil.

A consequência de uma interdição é a invalidade dos atos praticados pelo interdito. Registra-se a decisão que declarou a interdição

O Direito e a loucura

No Rio Grande do Sul são baixados, mensalmente, cerca de 1.345 paciente por problemas de saúde mental. Só em Porto Alegre, no ano de 1995, foram internadas compulsoriamente 2.581 pessoas. Cerca de 300 pessoas estão recolhidos ao Instituto Psiquiátrico Forense (IPF). Estes e outros números nos levam a uma indagação sobre os limites entre a loucura e a sanidade, pensando na liberdade do ser humano.



junto ao registro de nascimento ou casamento da pessoa, protegendo-a dos maus negócios que poderia praticar, bem como permitindo o conhecimento para as demais pessoas. Nomeia-se um curador para gerenciar sua vida civil, que deverá prestar contas judicialmente dos atos praticados em nome do doente mental. O curador precisará de ordem judicial para praticar atos civis que impliquem aquisição ou disposição de bens.

Podemos afirmar, segundo relatório anual das atividades do Ministério Público, que em 1995 foram movimentadas mais de 5 mil interdições no estado, tendendo este número, no ano de 1996, a se elevar para a casa dos 8 mil.

No Rio Grande do Sul, através da lei 9.716/92, toda internação psiquiátrica compulsória deve ser comunicada ao Ministério Público e à Defensoria Pública, que analisarão a necessidade e legalidade de tais internações. No resto do Brasil nós não temos notícia de medida similar. Podemos afirmar a ocorrência, antes de 1992, de internações arbitrárias, cujas denúncias ocasionaram processo criminal contra os responsáveis pelas internações ilegais.

O GOVERNO NÃO CONHECE A LOUCURA NO ESTADO

Uma conclusão a que chegamos fazendo o levantamento dos números da saúde mental no estado é que o governo não tem idéia do número total de doentes mentais existentes no estado.

Outra conclusão é de que a maioria dos doentes mentais não estão internados na rede de hospitais públicos ou privados, especializados ou gerais. Para isto fizemos uma pequena soma das interdições de 94 e 95, pensando no seu efeito cumulativo ao longo dos anos anteriores. Fomos indagar a profissionais da área de saúde pública e assistência social e fomos informados que estas pessoas vivem em casa, junto as famílias.

O CRIMINOSO É INTERDITADO PELO DIREITO

A questão da "loucura" e direito não se resume aos casos de interdição civil. Existem outras situações em que o direito interdita as pessoas, embora de forma diversa dos moldes

anteriormente vistos. Estamos diante do delito e da resposta do estado.

A lei permite que o juiz, em determinadas hipóteses, ao invés de condenar ao cumprimento de uma pena de prisão, que também é uma forma de interdição, estabeleça que o criminoso sofra uma medida de segurança, que é decorrente do reconhecimento da periculosidade de sua conduta, sujeitando-o, no extremo, a uma internação no IPF. Hoje, segundo dados da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), estão internadas no IPF 302 pessoas.

Entretanto, no sistema penal vigente, quando o criminoso for condenado por um crime doloso com violência ou grave ameaça à pessoa, homicídio, estupro ou roubo, por exemplo, terá que cumprir integralmente a pena se não se constatar, por suas condições pessoais, que se for liberado condicionalmente, não voltará a cometer crimes.

Nestas hipóteses, estará a pessoa submetida a uma "interdição", ainda que disfarçada, pois precisará provar sanidade para obter os benefícios legais.

O liame está na violência ou ameaça grave, que levou o legislador a uma maior preocupação com os criminosos cuja conduta reveste-se da ausência de respeito à vida e a integridade física dos demais.

Para se ter uma idéia numérica, dos 9.839 presos no sistema penitenciário gaúcho 6618 estão incluídos entre os que cometeram crimes com violência à pessoa ou grave ameaça.

A legislação penal relativa a consumo e tráfico de entorpecentes também atenta para a "loucura". É na dependência que procura buscar o divisor de águas para a resposta estatal para tais crimes. O dependente que comete crime de tóxicos é isento de pena. Entretanto, poderá estar sujeito a tratamento médico compulsório, nos casos de medida de segurança em que fica sem a liberdade de ir e vir. A dependência a entorpecentes é considerada pelo direito como uma insanidade mental, determinando uma "interdição" do criminoso.

Verificamos que o direito "interdita" as pessoas que considera sofrendo uma insanidade mental. Esta "interdição" pode ocorrer da forma tradicional, como um pedido de uma pessoa da família, que precisa gerir a vida do parente, ou como resposta à conduta considerada anti-social, que põe em risco a coletividade, como no caso dos crimes com violência ou grave ameaça. Aí ocorre uma "interdição" indireta. Formalmente a pessoa é livre. Entretanto, sua liberdade, por efeito da condenação, da medida de segurança, da internação compulsória para tratamento ou sujeição a tratamento ambulatorial, assume posição semelhante a do interdito civil tradicional.

A cyber-revelação de Timothy Leary

Novo barato do guru do LSD é 'viajar' embalado pelas tecnologias que estão mudando a vida das pessoas

TITO MONTENEGRO

Nos anos 60 e 70, Timothy Leary chegou a ser considerado o inimigo público número um da sociedade norte-americana. As razões para esse tratamento começaram com os estudos que o psiquiatra realizava no Centro de Estudos da Personalidade da Universidade de Harvard. Os experimentos consistiam em submeter alunos voluntários a sessões psicodélicas, muitas vezes embaladas pelo ácido lisérgico, o LSD, para pesquisar as alterações de consciência geradas pelo alucinógeno. Expulso de Harvard algum tempo depois, Leary passou a correr o país de ponta a ponta divulgando as propriedades libertárias e de estimulação cerebral do ácido.

Três décadas depois, o interesse de Leary não estava mais voltado para substâncias químicas alucinógenas nem para a psicodelia. Até mesmo o LSD, responsável por uma enorme revolução cultural na juventude americana daquela época, tem agora pouca importância. O grande barato do guru da contracultura está centrado sobre as novas tecnologias.

Isso não quer dizer que Leary tenha se transformado em um *nerd* viciado em jogos para PC e fissurado em programar em Pascal. Ele foi mais longe. Desde meados dos anos 80, estuda as profundas mudanças que o advento do computador pessoal (há mais de dez anos *habitué* dos lares norte-americanos) e de novas tecnologias, como a super-estrada da informação e a realidade virtual, causam na sociedade e sobretudo na mente dos indivíduos.

As conclusões a que Timothy Leary conseguiu chegar antes de morrer, em 31 de junho deste ano, vítima de câncer na próstata, estão reunidas no livro *Chaos and Cyberculture*, lançado em 1994 mas ainda inédito no Brasil. Na opinião de Leary, a proliferação dos computadores pessoais - os PCs - pode estar significando uma nova revolução, semelhante àquela protagonizada pelo LSD nas décadas de 60 e 70.

Leary acredita que essas novas tecnologias têm um alto poder de estimulação cerebral. Assim, com uma mãozinha da informática, a humanidade estaria entrando em uma fase em que



expressões como *open-mind* e exploração da mente seriam lugares-comuns.

Na opinião de Timothy Leary, a capacidade do cérebro humano vem sendo alterada pelas tecnologias emergentes desde a invenção da televisão. A diferença dos monocromáticos anos 50 para a nossa década é o vertiginoso crescimento daquilo que ele considera a "aceleração do poder cerebral". A representação desse crescimento é feita

pela quantidade de 'realidades' processadas por dia pela mente humana (veja gráfico). Segundo Leary, as razões para esse crescimento geométrico do "poder cerebral" estão

intimamente ligadas ao desenvolvimento do chamado mundo digital.

Como não poderia deixar de ser, as idéias de Timothy Leary ainda encontram resistência na comunidade científica. O psiquiatra gaúcho radicado em Londres Carlos Zubarán não acredita que as novas tecnologias tenham o poder de ampliar a capacidade da mente como afirma Leary. "A realidade virtual, por exemplo, proporciona modificação de senso-percepção, e não propriamente de consciência", explica

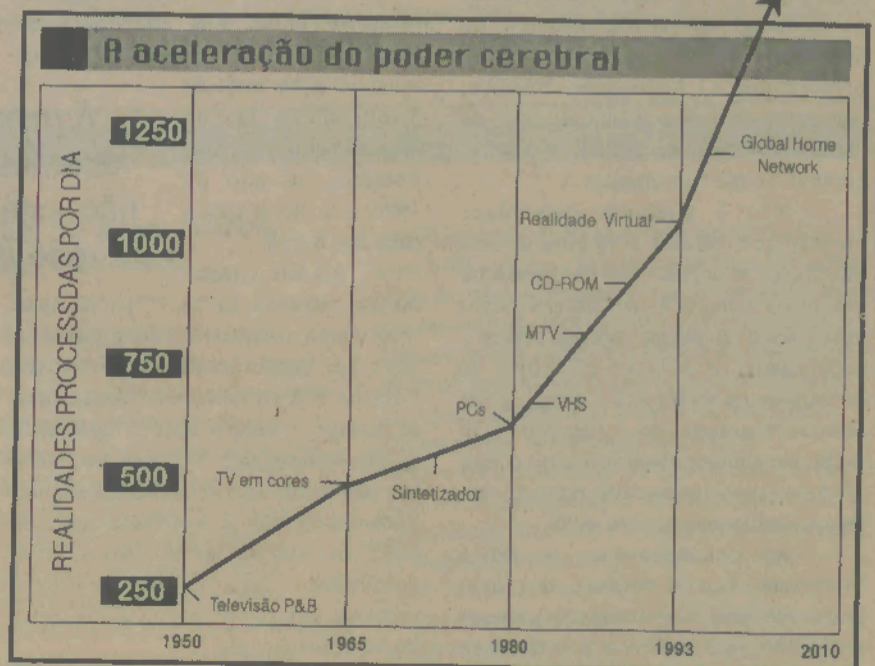
Zubarán. "Isso porque o indivíduo não perde a lucidez nem alucina devido à realidade virtual".

Já o jornalista norte-americano Chris Chinnock, colaborador da revista especializada em tecnologia e 'comportamento cibernético' *Wired*, é um apologista das novas perspectivas abertas pelo avanço da informática. "É possível que a tecnologia de computação cause a mesma euforia que as drogas causaram? Eu acho que sim. Vamos em

frente", prega Chinnock.

No panorama de revolução digital apresentado por Chinnock, os jovens desempenham um papel central. "Eles se adaptam rapidamente e com muita naturalidade", argumenta. O jornalista também arrisca alguns palpites sobre a cara das novas interfaces computacionais. "Eu acredito que elas serão cada vez mais interativas e terão seu realismo aumentado", especula Chinnock.

Leary acredita que as novas tecnologias podem estimular o cérebro



Perfil

Leary teve uma vida conturbada

Poucas pessoas tiveram tanta influência sobre uma geração de jovens do que Timothy Leary teve nos anos 60 e 70. Filho de irlandeses católicos, Leary nasceu em 22 de outubro de 1920, em Springfield, pequena cidade do estado norte-americano de Massachussets. Estudou psicologia e chegou a PhD em Psicologia pela conceituada Universidade de Berkeley e coordenou por cinco anos o Centro de Psicoterapia da instituição.

Com a morte de seu filho e, logo depois, de sua mulher, Leary vai morar na Europa. E é lá que sua vida vai tomar um novo rumo. Um antigo colega em Berkeley, Frank Barron, vai visitá-lo e fala sobre a viagem que havia feito ao México. Barron descreveu a 'experiência religiosa' que teve com os cogumelos sagrados. Na opinião de Barron, os cogumelos poderiam ser a entrada para a metamorfose psicológica que os dois procuravam. Algum tempo depois, Leary foi convidado pelo diretor do Centro de Estudos da Personalidade de Harvard para lecionar na Universidade.

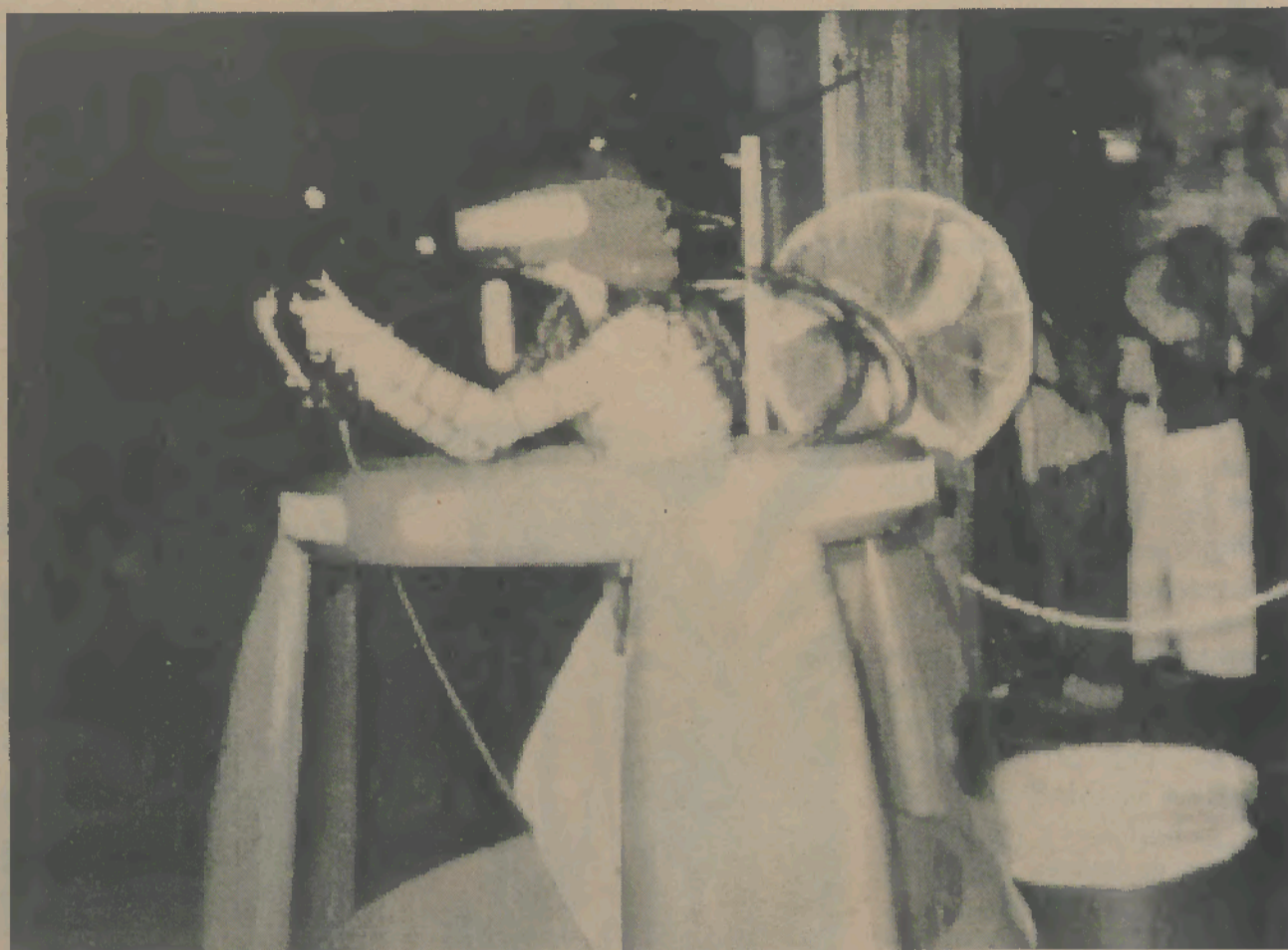
No verão de 1960, pouco depois de assumir em Harvard, Leary foi passar as férias em Cuernavaca, no México, e experimentou os cogumelos sagrados. Ele ficou tão fascinado com a experiência que convenceu a direção de Harvard a permitir que ele conduzisse uma pesquisa sobre psicocybin, nome genérico para as substâncias alucinógenas encontradas nos cogumelos mexicanos.

Leary e Barron conduziram os primeiros estudos submetendo estudantes voluntários a sessões alucinógenas. Os experimentos já incomodavam a Universidade e a pesquisa foi suspensa. Quem falou para Timothy Leary sobre o LSD foi um estudante de filosofia inglês. Dizia que o ácido lisérgico, descoberto pelo cientista suíço Albert Hoffman, havia causado 'revelações'.

Leary não vaciou e passou a administrar também LSD a seus alunos. Com isso, muitos professores ficaram apreensivos e Leary, junto com seu professor assistente, passaram a ser pressionados pela direção. Não demorou para que os dois fossem demitidos de Harvard. A partir daí Leary começou sua profissão de fé em defesa do uso do LSD para alterar a percepção.

O foco de seu interesse só foi mudar em meados dos anos 80, quando os computadores começaram a tomar conta da América. Leary morreu em 31 de junho de 1996, com câncer de próstata. Nos últimos dias de vida, divulgava via Internet seu estado de saúde.

(Tito Montenegro)

**A experiência virtual**

Pesquisador inglês pretende gravar as percepções humanas

DANIELA RAMOS

Alterar a percepção certamente não é uma novidade. Os meios de se fazer essa mudança na consciência é que pode passar por inovações. Inovações há algum tempo atrás inimagináveis. Mas, como tudo que surge na mente humana pode tomar forma algum dia, de um jeito ou de outro, cá estamos nós: na era das drogas virtuais. As últimas pesquisas nesse campo apontam para um tipo de experiência realmente única, mas ao

mesmo tempo múltipla.

Chris Winter, pesquisador da British Telecom, estuda um jeito de gravar as percepções que a pessoa está tendo. Assim, tudo ficaria gravado em um chip. Experiências de amor, morte, nervosismo. Sua vida toda pode ser armazenada em um chip com a capacidade de 10 TB (Terabytes) de memória.

O cérebro recebe por volta de 10 MB (Megabytes) de informação por segundo para cada experiência. 90%

delas vêm apenas dos olhos. "O nervo óptico pode ser tratado como um sistema digital de informação", explica Winter. A British investe cerca de 50 milhões de dólares anualmente nessa pesquisa.

Nesse caminho, alguém que estivesse disposto a "viajar" um pouco pelas experiências de vida de outras pessoas, poderia simplesmente requisitar um chip de uma vida toda. Imagine você vivendo um momento de delírio causado por uma droga qualquer. Mas, detalhe: a droga não foi usada por você, mas pela pessoa que teve o chip na mente. Nada pode ser mais virtual.

"Nervo óptico pode ser tratado como um sistema digital de informação"

A próxima Interface é a sua mente

Os sinais de eletroencefalogramas são usados para controlar a saúde do cérebro. A próxima meta é que esses sinais sejam usados para controlar objetos do mundo real, como acionar o play de um aparelho de CD ou mover cursor na tela do computador.

São ondas divididas em

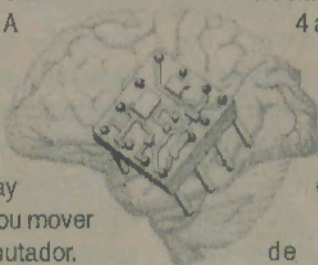
diferentes freqüências. Por exemplo, a delta vai de 0 a 4 Hz, Theta de 4 a 8 Hz, Alpha de 8 a 13 Hz e a Beta de 13 a 32 Hz.

Essas freqüências são associadas com diferentes aspectos do comportamento humano.

Grandes freqüências de Alpha indicam um profundo estado de relaxamento

mental, enquanto Beta corresponde a uma alta energia em processo. Para detectar isso, os pesquisadores colocam eletrodos na cabeça das pessoas. Assim, a próxima Interface de controle de sistemas operacionais dos computadores pode ser perfeitamente amigável: pode ser a sua mente.

(Daniela Ramos)



A nossa droga de cada dia

As drogas continuam a ser uma realidade difícil de ser encarada. O consumo é grande principalmente entre os jovens, e muitos deles nem sabem como entraram nesse caminho. Confira o relato de dois perfis diferentes de jovens que vivem esta mesma realidade

DANIELA CIDADE

Ele chega na lanchonete para comer um xis e tomar duas ou três cervejinhas. Durante a segunda garrafa, vê um rosto conhecido que o olha da porta. É um dos seus parceiros. Ele se aproxima e diz, mostrando o pequeno embrulho: olha o que eu tenho pra hoje. E então já é tarde para voltar atrás. Não há como resistir, não há como dizer não. Eles saem da lanchonete e vão para um dos bares de costume, alternativos, onde não existe repressão.

Pode começar assim mais uma noite em que um ciclo se repete incontrolavelmente: cheirar cocaína, beber cerveja ou uísque, cheirar mais, beber mais, cheirar e beber de novo. "Quando estou neste clima, fico dois ou três dias assim, direto, sem dormir", conta F.S., 25 anos, o rapaz que saiu de casa para comer o xis e tomar duas ou três cervejas. Ele tentava ficar longe dos lugares que costuma frequentar, numa tentativa desesperada de não ter cocaína ao seu alcance.

A história de quem vive no mundo das drogas pode ser contada através dos relatos de F.S. É mais uma história de rapaz classe média que começa a usar drogas lícitas (álcool e cigarros). É o que todo o adolescente de treze anos faz quando começa a ir em festas noturnas. "Beber e fumar pra parecer mais velho, impressionar as meninas", lembra F.S. No caso dele, a droga que veio a seguir foi a maconha, aos quinze anos. Ele estava na praia, com os amigos da irmã, cinco anos mais velha. Agora, apesar de estar tentando se livrar do pó, F.S. diz que não tem problema nenhum com a maconha. "Fumo há dez anos e acho que sempre fumarei. Me deixa muito mais relaxado e perceptivo, me sinto até mais inteligente". Foi depois de ter fumado, por exemplo, que ele assistiu pela segunda vez o filme A Li-



berdade é Azul e, segundo ele próprio, só então conseguindo curtir o filme, não ficando ansioso para que acabasse.

"O fumo me deixa mais relaxado e perceptivo. Me sinto até mais inteligente"

"Com a cocaína é diferente, eu odeio cocaína". Um tom de arrependimento persegue a voz de F.S. quando ele fala isso. "A mente não pára nunca, é impossível conseguir parar". Dessas circunstâncias, que F.S. vem tentando tornar menos frequentes, seu relato é impregnado de argumentos negativos. "A cocaína me deixa atucanado! Não consigo ir a uma festa e rasgar uma mulher, não consigo

parar de cheirar enquanto tenho pó ou dinheiro pra comprar mais. E bebo o tempo todo. Só paro quando caio".

Para conseguir cocaína, F.S. já vendeu boné, relógio e bicicleta. "Nunca roubei, até porque não foi preciso. Mas se tivesse que roubar, roubaria". Apesar da necessidade de muito dinheiro para consumir a droga, ele diz que só sair de casa sem grana não resolve. É preciso não encontrar os parceiros. Na busca por alguém com quem cheirar, eles bancarão para ele, como ele já bancou muitas vezes. E então, não tem como não querer. É impossível resistir, dizer que não. Olha o que eu tenho pra hoje.

TATIANA ARNOUD

Toca o despertador. São exatamente oito horas da noite. E.J. faz um esforço para desligá-lo, pois o cansaço ainda é grande e aquele barulho o incomoda. Lentamente levanta-se e chega até o banheiro. As olheiras que vê no espelho não o assustam mais, afinal são velhas companheiras de inúmeras noites mal dormidas.

Após um banho rápido, ele veste-se rapidamente, para logo após cheirar o pó que realmente o faz acordar. Em seguida, algumas cápsulas de guaraná cerebral com uns goles de café puro e pronto, ele sente-se cheio de energia para encarar mais uma noite de serviço no banco. Afinal, E.J* trabalha na compensação de cheques e precisa estar atento e bem desperto para não deixar passar nenhum detalhe despercebido. Além disso, depois do expediente é hora de encontrar os amigos para mais uma noitada de festa.

A rotina de E.J*, 22 anos, é a mesma desde que começou a trabalhar à noite, mas a droga é sua companheira há seis anos. O início deste círculo vicioso ele não se lembra claramente, só tem certeza de que tudo começou na adolescência, quando ainda não tinha responsabilidades concretas. Na época, ele imaginava que tudo iria ser sempre uma "curtição", e que nunca seria dependente de cocaína para trabalhar e ficar "ligado".

Atualmente ele tem consciência de que usa a droga como uma fuga, uma forma de não pensar nos problemas. Ele, muitas vezes pensa em sua estrutura familiar confusa, onde nunca teve seu pai presente e sua mãe nunca lhe deu o apoio necessário. Pensa também no fato de ele mesmo nunca ter se esforçado para concluir o curso de computação na universidade, preferindo apenas trabalhar para ter o suficiente para suas necessidades.

Apesar de ter consciência de tudo isso e de sua mãe e alguns amigos já terem tentado ajudá-lo, ele sempre se entrega ao vício. Prefere não ter vontade própria. Algumas vezes E.J* fica "limpo", como ele mesmo diz, mas é só quando não está sob pressão. Sabe que se fizesse força, sairia desse círculo. Até já fez diversas tentativas. A última, ele afirma ter sido em prol da namorada, que não admitia vê-lo drogado. Porém, foi mais uma tentativa frustrada, eles se desentenderam, ele ficou só e se "segurou" na cocaína novamente.

Após essa última fase, ele não tem pensado muito no futuro. Diz viver apenas o momento, tentando aproveitar todas as festas como se fossem as últimas. Afirmar ser apenas uma fase, mas quem sabe?

É fácil voltar ao passado

Terapeutas buscam as lembranças dos pacientes através da hipnose



FABIOLA BACH

Com R\$ 50,00 é possível pôr fim a uma grande curiosidade que temos: saber como é a vida dentro do útero materno, e lembrar de fatos que aconteceram nos primeiros anos de nossa infância. Pelo mesmo valor pode-se também percorrer um caminho mais distante, e conhecer as identidades que assumimos em vidas passadas.

O meio de transporte que permite a realização destas viagens é a hipnose,

estado de alteração da mente em que há a diminuição da consciência. O hipnotizado pode lembrar de coisas que a consciência não permite aflorar.

Diversas clínicas em Porto Alegre realizam a hipnose não apenas para a regressão ao útero ou vidas passadas, mas também como método alternativo no tratamento de pacientes com problemas psicológicos. Até mesmo alguns dentistas estão substituindo as temidas anestésias pelo processo hipnótico.

Atualmente os terapeutas que trabalham com este método não utilizam o pêndulo, mas o olhar, a música e a voz. O segredo é fazer com que o paciente relaxe e se entregue ao comando do hipnotizador. Por isso, é fundamental que neste processo exista uma relação de confiança entre os envolvidos, e uma crença do paciente no método.

A hipnose tem três níveis: pequeno, médio e profundo. Os terapeutas utilizam os dois primeiros, quando o

paciente está suscetível, com a vibração das ondas eletromagnéticas cerebrais diminuída, o que permite uma comunicação entre os dois. O hipnotizador faz então sugestões ao paciente, conduzindo-o a situações passadas que possam ajudar no processo de descoberta da origem de seus traumas.

Em alguns pacientes, mesmo sem a sugestão do hipnotizador, este processo de regressão leva a outras vidas. Os terapeutas que utilizam este tipo de regressão combatem os céticos justificando que mesmo que o indivíduo não tenha vivido estas experiências, e que sejam frutos de sua imaginação criativa, elas são importantes no processo de cura.

A psicanálise abandonou o uso da hipnose por acreditar que seja um processo desnecessário. Freud deixou vários registros de trabalhos envolvendo o método, mas acabou abandonando este campo de estudos. Aos poucos ele descobriu que se o paciente fosse estimulado a falar em consultas sucessivas, também acabaria lembrando de situações passadas. O pai da psicanálise defende que a terapia é mais produtiva por ser um trabalho em que o paciente tem a consciência do que está descobrindo, e não passa pelo choque que pode causar uma lembrança brusca.

Os psicanalistas fazem um alerta às pessoas interessadas em realizar tratamento através da hipnose: é preciso encontrar um profissional sério e preparado para realizar o trabalho, porque ele vai ter sob seu domínio a mente de um paciente que estará a mercê de suas sugestões, incapaz de reagir conscientemente contra o hipnotizador.

Sonhar ainda é um mistério

ELEN PETERSON

Não faltam lendas e superstições em relação aos sonhos. A causa de toda esta curiosidade é a falta de conhecimento sobre o assunto. Ainda hoje, com todo o desenvolvimento da ciência, o sonho continua sendo um mistério. Não existe uma definição fisiológica do que ele seja. Se sabe apenas que o sonho é uma alteração do estado de consciência atingido quando estamos dormindo.

Durante o sono, atingimos vários estágios de desligamento do nosso estado de consciência. O neurologista Paulo Rebelo, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, explica que existe um ritmo normal de funcionamento das células nervosas. "Os estímulos passam por diferenças de potencial quando vão se propagando entre as células. Através do eletroencefalograma, é possível se fazer um mapeamento da atividade elétrica do cérebro, diferenciando-se a

cada nível de consciência que tipo de atividade elétrica corresponde", diz Rebelo. A atividade cerebral diminui quando fechamos os olhos e a medida que o sono vai se aprofundando.

Classicamente, se divide o sono em quatro estágios, mas é possível se chegar a até seis fases. Normalmente, cada estágio é de 90 minutos. O mais profundo é o R.E.M. (Movimentos Rítmicos dos Olhos). Esse é o estágio em que mais aparecem sonhos, quando nós teríamos um desligamento mais importante do nosso estado de consciência. A atividade R.E.M. é um comando das estruturas mais inferiores do cérebro. "Eventualmente, quando se está hipervigilante por determinadas vivências do cotidiano, mesmo num nível de sono menos profundo pode se ter alguma alteração identificada como sonho", esclarece o neurologista.

Não se sabe como se articulam os estímulos elétricos durante o sonho

Por outro lado, pode-se não sonhar, como no caso das pessoas que não atingem o estágio R.E.M. Mas o mais freqüente é a pessoa simplesmente não lembrar do que sonhou. Não se sabe como se articulam os estímulos elétricos durante o sonho. Algumas vezes se atinge o circuito da memória. Em outras, determinado grupo neuronal retém a informação, mas quando a pessoa sai do sono R.E.M., voltando para o primeiro estágio, ela elimina a informação.

Da mesma forma, não existe uma explicação precisa do porquê algumas pessoas elaboram as imagens do sonho sem cores. Para o neurologista Paulo Rebelo, talvez o fenômeno seja decorrente do envolvimento de determinadas áreas que organizam a visão. "Existe um mapeamento de regiões no cérebro para coisas bem objetivas como visão e audição. O sonho teria uma

participação mais difusa, existiria uma interação global entre as células nervosas.

Mas se o sonho pode não atingir as células nervosas responsáveis pela visão, por que sempre atingem as responsáveis pela audição? Não existe relato de sonhos sem som.

Outro mistério é em relação ao conteúdo dos sonhos, seus significados. Por se manifestar durante um estado de desligamento maior de consciência, acredita-se que durante o sonho venha à tona uma série de elementos do inconsciente, o que justificaria as características estranhas de alguns sonhos e a sua utilização no estudo da personalidade das pessoas pela psicanálise.

A teoria junguiana considera o sonho uma manifestação simbólica referente ao que a pessoa já passou ou está passando. Muitos psicanalistas centram seu trabalho na análise dos sonhos de seus pacientes. Muitas pessoas acreditam em sonhos premonitivos. Mas assim como o estudo fisiológico, o estudo do conteúdo dos sonhos também é um mistério. Mistério que nem a ciência, nem a superstição conseguiu desvendar.

Consumo de LSD cresce na capital

Alucinógeno foi redescoberto pelos gaúchos nas praias catarinenses

RODRIGO DINDO E
MILTON DO PRADO

Em matéria de uso de drogas como forma de expansão da mente, nada parece superar o LSD. Cogumelos alucinógenos são uma outra alternativa, a princípio mais acessíveis e baratos. Mas para os experimentados a viagem do ácido é incomparável e o charme de declarar que tomou um "AC" acaba sendo quase tão importante quanto experimentá-lo. Quando os jovens turistas gaúchos começaram a freqüentar o litoral catarinense descobriram, além das belezas naturais, os prazeres do LSD. Essa é a explicação dos fornecedores do produto em Porto Alegre para o aumento do consumo na cidade.

Há três ou quatro anos somente pessoas com amigos no exterior, que enviavam as famosas figurinhas para os consumidores brasileiros, tinham contato com a droga. Hoje, o produto pode ser encontrado na cidade com relativa facilidade. "Com o acesso direto o consumo tende a aumentar", diz um dos fornecedores entrevistados pelo 3X4, que prefere não se identificar.

O aumento do consumo de ácido lisérgico na capital gaúcha parece seguir ciclos quase fechados. Ou seja, em uma determinada época torna-se fácil comprar LSD na cidade e aí o consumo "explode". Entenda-se por isso o consumo de ácido por aquelas pessoas que normalmente já usariam a droga, mas não o fazem por falta de oferta. Depois, inevitavelmente, vem o declínio - a famosa "seca" -, e a oferta só volta ao pico depois de um tempo. Consumidores mais antigos e bem-informados acreditam que esses ciclos sejam de cinco a oito anos.

Atividade Lucrativa - No início dos anos 90 houve uma dessas "explosões". Um fornecedor conhecido dos músicos portoalegrenses conseguia o ácido através de contatos na Europa, o que facilitou o acesso por parte de neófitos e veteranos *acid eaters*. Acontece que a polícia descobriu o esquema e o sujeito foi preso com uma grande quantidade (o número varia a depender de quem dá o depoimento, mas chega a trezentos) de pastilhas prestes a serem vendidas. O caso repercutiu o suficiente para desestimular empreendedores em potencial e fornecedores já descolados.

Aqueles que estão fornecendo LSD em Porto Alegre hoje eram consu-



As alucinações causadas pelo ácido lisérgico transformam a percepção e criam imagens oníricas

midores em praias catarinenses, principalmente a do Rosa e a da Ferrugem. Em um determinado momento, através de contatos com fornecedores paulistas que dominam o mercado em Santa Catarina, descobriram que poderiam obter um bom lucro se unissem o útil ao agradável. Passaram então a receber a mercadoria de São Paulo através de correspondência. Alguns negam que o fator financeiro seja o preponderante para a entrada no negócio, mas confessam que a atividade é lucrativa.

Mas, afinal, qual é o perfil dos que estão repassando ácido na capital gaúcha? Eles são jovens de classe média alta e com uma boa capacidade para investimento inicial. Os repassadores compram em São Paulo um mínimo de 50 unidades ao preço que varia entre R\$ 12,00 a R\$ 15,00 a unidade e revendem com no mínimo 100% de lucro. Portanto, para usufruir de uma viagem, que pode durar de oito a doze horas, o consumidor vai gastar de R\$ 25,00 a R\$ 30,00. Um dos fornecedores entrevistados se define como "um cara que gosta

de propiciar aos outros viagens inesquecíveis", destacando que o lucro é secundário. Certamente não sobrevivem do dinheiro obtido, que é gasto no consumo de drogas em geral, e estudam em Universidades - centros de fácil e tranqüila distribuição, sem risco de repressão oficial.

Mesmo com o acesso facilitado, o número de consumidores ainda não é expressivo, se comparado com outras drogas. Segundo os fornecedores, o LSD é uma droga que não aceita misturas como forma de baratear o

preço, como é o caso da cocaína. "Os caras misturam o pó e vendem barato para qualquer um que não conhece a droga", comenta um consumidor de coca e agora fornecedor de ácido.

Semestre de Alta - Há outras versões para o aumento da oferta de LSD. Segundo alguns consumidores, aumentou o número de portoalegrenses que viajam para a Europa e de lá trazem o ácido - que é tão fácil de trazer na bagagem quanto de ser enviado por carta. Al-

guns fornecedores chegam a viajar todo semestre para o velho continente para renovar o estoque. As pastilhas vêm em sua forma mais comum: em papel. Em períodos de seca, a não ser que se consiga ácido por cartas de amigos, muitas vezes o produto é encontrado em pequenos cristais, os "grafites".

Os consumidores dizem também que, se a facilidade de se conseguir o produto aumentou nos dois últimos anos, nos últimos seis meses a oferta atingiu níveis altíssimos. Segundo alguns, ainda não existe ainda um tráfico como em São Paulo. O comércio do LSD não atingiu as vilas da cidade, onde estão centralizadas as vendas de cocaína e maconha. Ocorre em alguns locais freqüentados por consumidores ocasionais e em contatos feitos por amigos comuns. Não há uma abordagem direta e até agressiva, comum em se tratando de cocaína. Apesar disso, em algumas festas já é possível comprar e a previsão é de que neste verão chegue um novo "carregamento". Como o LSD não é produzido no Brasil (ou pelo menos os consumidores do Rio Grande do Sul assim o acham), o fornecimento ainda depende dos "importadores". É aproveitar enquanto não vem outra seca.

O número de consumidores ainda não é expressivo, se comparado com outras drogas

Dai-me força, dai-me amor, dai-me luz

O Santo Daime é um atalho para alcançar um estado superior de consciência

SIMONE MOROE
SIMON ROSA

"O Céu, Purgatório, Inferno estão dentro de nós mesmos. O paraíso é aqui e agora. O Sol, a Lua, os Planetas e as Estrelas habitam dentro de nós. Quando olhamos o universo, olhamos para nós mesmos; quando tocamos uma flor, nos tocamos; se matamos alguém, é a nós que matamos." Essas palavras são do daimista Gilberto Gregorim que faz da Comunidade Céu do Mapiá, no Amazonas.

Ele explica que os símbolos sagrados são importantes para dirigir a viagem nos trabalhos realizados com o Santo Daime. O ritual simbólico religioso é a principal via para alterar a consciência e alcançar a libertação do Ser Total integrado ao Amor Universal. De acordo com Gregorim, a simbologia auxilia no processo do conhecimento, quando não considerada um fim em si mesma.

Santo Daime é o nome que se dá à bebida utilizada nos rituais simbólicos da doutrina do povo de Juramidam. O nome vem do verbo dar, a doação divina. A utilização da bebida é bastante antiga. Há pelos 3 mil anos a.C. os sacerdotes vedantinos hindus já conheciam os efeitos do chá. Esse conhecimento milenar ainda hoje faz parte da cultura indígena na região amazônica. A partir do cipó Jagube (*Banisteriopsis caapi*) e da folha Rainha (*Psychotria viridis*), quando em cozimento, originam o chá Ayahuasca, conhecido também como Santo Daime, Henixuma, Vegetal, Caapi, Iagó e Kamarampi. As divindades, presentes nestas plantas sagradas, são manipuladas com sabedoria pelos Xamãs e pelos daimistas através de um ritual de preparação.

A doutrina espiritual, associada ao chá, surgiu no início desse século através do seringueiro amazonense Raimundo Irineu Serra, que viveu muitos anos entre os índios peruanos. Ele passou oito dias na mata, tomando Ayahuasca, em estado de purificação. Assim, através de muita miração, ele recebeu da Virgem Mãe os fundamentos da Doutrina de Juramidam. Jura é o nome do Pai e Midam são todas as pessoas que fazem parte da família de Jura. A doutrina está baseada nos princípios de Harmonia, Amor, Verdade e Justiça. E sincretiza aspectos de várias religiões,

principalmente, do cristianismo e de elementos afro-indígenas. Assim é possível entender a variedade de seus símbolos sagrados, como o sol, a lua, as estrelas, o pentagrama e algumas rezas como Ave-Maria, Salve-Rainha, adoração à cruz, o uso de velas e de imagens. Salve-Rainha, adoração à cruz, o uso de velas e de imagens.

ansiedade. No caso das comunidades que usam o Santo Daime, é a porta de entrada para um mundo espiritual, um meio de revelação para o auto-conhecimento. Este também é um dos principais motivos que levam as pessoas a procurarem a bebida sagrada.

A daimista e estudante de sociologia L. M. J. disse que há 4 anos e meio, quando procurou o Santo Daime, estava num período de drama existencial, em busca de respostas. "O Daime é uma forma de encontrar comigo mesma. Mas, às vezes, não é fácil encarar esse encontro," revela. Através do ser que habita o Daime,



Existem igrejas do Santo Daime espalhadas por todo Brasil. Na floresta Amazônica, se encontram as primeiras comunidades daimistas organizadas pelo padrinho Sebastião, filho do mestre Irineu: Céu de Mapiá e a Colônia 5.000, onde é feita a preparação do chá. Em Porto Alegre há pelo menos quatro pontos. O mais conhecido é o centro localizado no Canta Galo. A doutrina também já chegou no exterior, em países como os Estados Unidos, Argentina e Holanda.

Para os índios, Ayahuasca significa o saber. Através dela, podem prever o futuro, comunicarem-se com os seus antepassados, descobrir causas de doenças, ver onde estão os alimentos ou crianças perdidas. Em seus rituais, os índios usam o estado alterado de consciência para fins positivos, para ajudar o indivíduo ou a tribo e não para fugir do tédio ou da

que é o ser de conhecimento, ela busca e recebe as respostas acerca de si própria.

MIRAÇÃO - L. M. J., que frequenta a igreja do Canta Galo, conta que depois de se tomar o chá, em 20 ou 30 minutos, a miração começa a surgir. Nesse momento, se pode receber entidades espirituais de outras dimensões. É quando se sente a luz divina iluminando a alma e as máscaras de cada um caem por terra. Trata-se de um êxtase espiritual. É o momento de não sentir medo, pois se o pensamento estiver livre e purificado atrairá somente bons espíritos e boas energias celestiais. "Mas antes de entrar nessa viagem, é bom ter claro o que se quer buscar através de um estado alterado de consciência, pois você é capaz de não agüentar e enlouquecer," pondera o músico e ex-daimista R. F.

Ritual religioso direciona a viagem

Na doutrina de Juramidam, o ritual tem uma importância muito grande no sentido de conduzir a miração de cada um. "O ritual parece proteger as pessoas e os grupos dos efeitos negativos das substâncias que alteram a mente, possivelmente ao estabelecer um referencial ordenado em torno de seu uso", comenta o médico Andrew Weil, que fez um amplo estudo sobre a medicina indígena e plantas psicoativas. No Brasil, existe uma grande diversidade de rituais. Mas para fazer parte deles, é preciso purificar o corpo três dias antes e três dias depois. Durante esse tempo não se deve comer carne, não fumar, não consumir bebidas alcoólicas e nem transar. Somente assim se consegue energia e força para agüentar até 12 horas seguidas de trabalho espiritual.

Existem alguns elementos essenciais que fazem parte de todos os trabalhos, como o hinário, a música e o bailado. "Nosso trabalho ritual consiste em ligar a corrente espiritual dos hinos como fonte de revelação, auto-conhecimento e despertar o Eu Divino presente em todos os seres", item 1.6/ preâmbulos doutrinários - Normas do ritual contidas nos estatutos nacionais de CEFLURIS (Centro Eclético de Filunte Luz Universal Raimundo Irineu Serra).

Nos hinos estão contidas as regras de educação espiritual, a sabedoria filosófica-científica e os louvores à Deus e à Natureza em Deus. São orações divinas recebidas através de mirações. Esses cantos são acompanhados pela música que é tocada através de instrumentos musicais, como o maracá (instrumento xamânico), o violão, o acordeon, o atabaque, a flauta e o pandeiro. Os ritmos mais usuais são a marcha, a mazurca ou a valsa. "Eu conseguia ver a cor das notas musicais, enquanto tocava", lembra R. F. que toca contra-baixo acústico. E para navegar na luz da música, vem o bailado (biodança cósmica). O corpo vai acompanhando o balanço do mar, ao mesmo tempo em que a mente atinge outra dimensão.

Todas os participantes tomam a bebida sagrada, até mesmo aquelas que ficam encarregadas da fiscalização. Elas estão ali para dar assistência, caso alguém passe mal. Mas não se trata de ajuda espiritual, pois esta apenas o Santo Daime pode dar.

Hino

"Ser é Estar
Estar é Ser
Ser é Amar
Amar é Ser.."

Feios, sujos e drogados

Milhões de crianças do mundo vivem nas ruas, em situações de risco

REVISTA COMMUNICATION ARTS



ENEIDA GRAEFF RICZANECK

A praça XV numa tarde de sábado, é o cenário para um grupo liderado por Cado, 17 anos. Cheiro de cola, urina e do incenso que Angélica, a irmã franzina de 7 anos, carrega na boca para afastar mau-olhado. Cado, Patrícia e Fernanda têm um trapinho fétido na mão fechada que levam de vez em quando ao nariz e à boca. "Cola é um produto criminoso que só prejudica o pulmão", diz Cado com a voz arrastada e o olhar distante. Karina, de 8 anos, ganha um brinco que a mãe arrumou nos camelôs, entrega contra vontade um punhado de moedas e vai com uma vasilha pedir comida no restaurante. "Criança inteligente ganha até 20 reais por dia na praça" diz a mãe-comandante.

Cado diz que a cola é uma maneira de eles mesmo se discriminarem. São diferentes porque conhecem um mundo que o real da maioria não conhece. Até que ponto o discurso da escola ou de instituições tem relação com a realidade do cotidiano de Cado, Angélica, Patrícia e Fernanda? Como eles, existem quase 10 milhões no mundo. Pior do que eles, sem vínculos, morando nas ruas, existem aproximadamente 500, só em Porto Alegre.

O inglês Michael Rutter adaptou o conceito de *resiliência* da física para a psicologia, comparando o caráter humano a um corpo deformável, como uma bola de borracha, com capacidade de superar uma situação de stress. Os resilientes, mesmo tendo enfrentado fatores de risco (família, drogas, abuso sexual), seriam capazes de voltar à situação de ser saudáveis, inteligentes e emocionalmente intactos. O ser humano potencialmente sadio é a filosofia básica do trabalho interdisciplinar do CEP-rua, Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua, do Instituto de Psicologia da Ufrgs. Profissionais

e estudantes pesquisam cotidianamente as características e comportamento das crianças de rua com objetivo de dar subsídios para o atendimento apropriado de escolas e instituições.

Já o Juizado da Criança e do Adolescente do Estado trabalha com os menores infratores. Quase um terço das queixas envolve adolescentes que estão ou vivem nas ruas. As causas vão desde homicídios, latrocínios e estupro, até a mais comum que são os roubos. Estudo recente do perfil dos infratores revela que a maior parte envolve uso ou contato com drogas. "Cada caso é um caso" diz o pedagogo Helson Bezerra da Silva, responsável pelo setor de liberdade vigiada do Juizado: "alguns são encaminhados pelo juiz para entidades fechadas; outros continuam na rua mas à noite vão para um abrigo onde são controlados por um período de seis meses; outros vão para instituições, ligadas à prefeitura por exemplo, prestar serviços à comunidade".

Cado - 17 anos

A finalidade dessas instituições seria a reaproximação ao processo educacional formal e o resgate dos vínculos afetivos. Seu princípio está baseado na adaptação: adaptados à situação adversa desde o nascimento, os menores poderiam se adaptar também a outras situações em que suas expectativas fossem atendidas.

Situação paradoxal: é preciso entrar no mundo deles, sua realidade, sua fantasia. Se as instituições, as escolas não se adequarem ao padrão das populações ditas *especiais* e oferecerem um atendimento apropriado, o resultado é a continuação deste círculo vicioso. Como diz o técnico Bezerra da Silva: "A gente precisa se deixar envolver, sem desprezo, medo ou negação do seu mundo; só depois de entrar no mundo deles é possível ajudá-los. Por mais desfigurado que seja o homem, é preciso acreditar nele."

"Isso é um produto criminoso, sabia? Cheremo porque não morremo..."

A alteração na consciência pela coletividade

DANIELA RAMOS

"Quanto maior for a carga da consciência coletiva, tanto mais o EU perde sua consciência prática. É, por assim dizer, sugado pelas opiniões e tendências da consciência coletiva, e o resultado disto é o homem massificado, a eterna vítima de qualquer "ismo". O EU só conserva sua independência se não se identificar com um dos opostos, mas se conseguir manter e meio termo entre ele"

Carl Gustav Jung, A Natureza da Psique

Alemanha, 1939. Segunda guerra mundial. O povo alemão execra os judeus. Apóiam a sua exterminação massiva. Conduzidos por Adolf Hitler, a nação ariana não vê mais a diferença entre o animal e o ser humano. Muito pelo contrário: o animal valia ainda mais que algum homem ou mulher comprovadamente judeu. Não, eles não estavam com a consciência sã e equilibrada. O povo alemão na segunda guerra é o exemplo mais clássico de como os membros de uma coletividade podem agir tomados com a mente alterada.

Polêmicas à parte, não precisamos retroceder tanto na história para visualizar um fenômeno que implica em uma alteração coletiva da mente: a visão dos discos voadores. A massificação que o indivíduo e as comunidades culturais vêm sofrendo acendem a esperança da vinda de um novo Cristo salvador. Os discos salvadores, com suas formas circulares simbolizam a busca pela integração - a busca pelo self perdido, pelo conjunctio que o Cristo proporciona. As massas sempre fizeram o papel de tornar o indivíduo integrado a um todo. Mas, que todo é esse?

Recentemente o grupo de capoeira Abadá, do Rio de Janeiro, presenciou a morte de um integrante que resolveu entrar no clima da luta. Incitado pelas palmas, música e gritos para lutar cada vez mais, o clima estava propício para uma evasão dos instintos mais primitivos do homem. A violência e a morte foi só uma consequência.

Os jogos de futebol são um palco freqüente para esta celebração dos instintos mais arraigados no inconsciente e que, pela possibilidade de um transe coletivo, invadem a consciência e alteram o estado normal do indivíduo. Pelo mundo todo, a história se repete com algumas variações. Atlético Paranaense e Fluminense, por exemplo. O goleiro atingido pelos golpes da massa que invadiu o campo foi operado por causa de um coágulo no cérebro.

A fusão com um todo maior é uma das causas que leva um indivíduo a perder a consciência individual. A consciência se funde a algo maior, que transcende a mera vivência isolada. A mente obedece aos atos da multidão. Um gesto de ordem passa a ecoar nos ouvidos de cada um como uma onda à qual não se pode resistir; só resta mergulhar. E esse mergulho pode ser tão profundo, que subir à superfície é muito trabalhoso.

Quando o indivíduo só consegue agir de acordo com os desejos de uma coletividade, o retorno parece não ter fim. As regras de uma comunidade encontram um abrigo perfeito na mente que já não tem tanta autonomia. A mente que passa a ser constantemente alterada pelas ordens do coletivo não vive mais. Ou, então, vive - a vida da torcida organizada, da empresa na qual trabalha, a vida do partido político. E esquece de seguir a sua própria personalidade.